

**Resumo:** *A tradição judaica, que nunca recusou ao Cântico a atribuição de inspiração divina, sempre exigiu severamente que ele não fosse lido de modo literal: devia ver-se no amor dos esposos a aliança entre Iahvé e seu povo. Da mesma forma, a tradição cristã, um de cujos primeiros comentadores foi Orígenes, cujo texto original chegou a nós só em tradução latina. Ao espiritualizar, ou tornar mística, a narrativa do Cântico, Orígenes não só não minimiza nem dilui os aspectos sensíveis, como os acentua para que melhor reflitam a beleza da vida espiritual. É o que podemos perceber na sua abordagem das figuras femininas que vão se sucedendo no Cântico: a Esposa, as companheiras da Esposa, a Etíope, a rainha de Sabá, as filhas de Jerusalém. Talvez em toda a Patrologia não se encontre um texto como o de Orígenes, totalmente dedicado ao amor, com tanto destaque para a mulher.*

**Abstract:** *The Jewish tradition, while it never denied divine inspiration guiding the biblical author of the book of the Song of Songs, it is nonetheless very insisting that its interpretation should not at all be literal but allegorical; in other words, the love between husband and wife is an image of love between Yahwe and his people. Similarly, the Christian tradition, as exemplified by Origen, one of the earliest commentators, handed down the original text in a Latin translation. When he converted the narrative of the Song of Songs he didn't minimize nor dilute the sensorial aspects, but rather he increased them so as to show forth the beauty of spiritual life. This is to be noted in his dealing with the feminine figures in their sequel in the Song of Songs, such as the wife, the companions of the wife, the Ethiopian figurine, the queen of Sheba, and the daughters of Jerusalem. Perhaps in no other texts of Patrology there is another chance to meet another one like the one of Origen, wholly dedicated to love as exemplified by this woman.*

## Figuras femininas no comentário de Orígenes ao Cântico dos Cânticos<sup>1</sup>

João Lupi\*

\* O autor é professor da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, Brasil.

<sup>1</sup> Este artigo encontra-se integralmente publicado on line in: D'AMICO, Claudia, & TURSI, Antonio (eds). *Studium Philosophiae*. Textos en homenaje a Silvia Magnavacca. Buenos Aires, Rthesis, 2014, 298-306.



## Introdução

O livro do *Cântico dos Cânticos*, atribuído a Salomão, mas de redação muito posterior a ele, é, de toda a Bíblia, o que mais destaca e elogia o amor entre homem e mulher, ou seja, entre os esposos. Porém a tradição judaica, que nunca lhe recusou a atribuição de inspiração divina, sempre exigiu severamente que ele não fosse lido de modo literal: devia ver-se no amor dos esposos a aliança entre Iavé e o povo eleito, e o amor do Criador com sua Esposa, tipificada em Israel, ou em Jerusalém, conforme a leitura de *Oseias*: “Naquele dia, diz o Senhor, ela me chamará meu marido [...] farei por eles aliança com as feras do campo [...] e desposar-te-ei comigo para sempre” (*Oseias* 2,16-19). De modo semelhante, o cristianismo sempre entendeu o *Cântico* como a alegoria ou imagem do amor entre Cristo e a sua Igreja, ou entre Cristo e a alma do fiel. Foi preciso esperar por Orígenes, no século III, para termos o primeiro e, para muitos, o mais importante comentário cristão ao *Cântico*.

1. Sobre o *Cântico* temos duas das obras que Orígenes escreveu: o *Comentário* (escrito por volta de 240), e as duas *Homilias* (pronunciadas em Cesareia da Palestina, antes de 244), mas não as temos no texto original em grego. Jerônimo traduziu as *Homilias* para o latim em 383, dedicando-as ao Papa Dâmaso, e Rufino traduziu o *Comentário* em 410. Ambos os tradutores modificaram o texto original, mas não sabemos exatamente como o fizeram. A versão do *Comentário* que subsistiu abrange apenas dois dos oito capítulos do Cântico. Neles, ao analisar demoradamente cada passagem, e ao transpor sistemática e continuamente os significados da letra para os sentidos espirituais, Orígenes redigiu o primeiro de uma grande sequência de comentários ao *Cântico* que se produziram ao longo da história do cristianismo. Lembramos apenas alguns comentadores mais conhecidos: Teodoreto, Gregório de Nissa, Gregório Magno, Bernardo de Claraval, Teresa de Ávila e João da Cruz. No *Comentário* de Orígenes, o tema principal é este: assim como tudo o que é material e terrestre pode ser imagem das coisas celestes (porque tudo o que está no céu tem a sua representação na terra), assim a união amorosa dos esposos é figura da união de Cristo com a sua Igreja, e da alma perfeita com Cristo. Desta comparação, e da prolífica sucessão de alegorias a que ela dá lugar, destacamos duas conseqüências doutrinárias, implícitas mas evidentes: a da dignidade do amor humano e do matrimônio, e a da variedade de aspectos espirituais que envolvem a mulher, isto é, as figuras femininas.



2. A dignidade do casamento e da união afetiva dos esposos surge pelo simples fato de servir como imagem das “núpcias místicas”, metáfora que aparece tradicionalmente nos relatos da vida daquela que foi não só conterrânea, mas de certo modo, pela sabedoria que lhe foi atribuída, émula de Orígenes: **Catarina de Alexandria**. Metáfora que se repetirá incansavelmente até os dias atuais, referindo-se predominantemente à união mística das virgens consagradas. Na sequência da tradição judaica, Orígenes chama a atenção do leitor para que não se detenha nos aspectos corporais dessa união e pense nos significados espirituais. Pois seria pecado deter-se no que é sensível e material e não ascender espiritualmente ao que a realidade terrestre significa, e que é celeste<sup>2</sup>. Mas ele mesmo não só não apaga nem diminui as palavras por vezes bem explícitas do *Cântico*, como ainda reforça e insiste no lado afetivo e carinhoso do encontro dos esposos.

3. O protótipo a partir do qual são construídas todas as figuras femininas é a Esposa, que anseia por ir ao encontro do Esposo. E a interpretação espiritual, ou mística, é a comparação dos sponsais ou núpcias de Cristo com a Igreja, ou com a alma que progride no caminho da perfeição. Estas três principais figuras – Esposa, Igreja, Alma – são indicadas logo no princípio do *Prólogo*: “Este pequeno livro é um canto nupcial [...] em que a Esposa arde de celeste amor pelo seu Esposo”, e prossegue: desse amor foi tomada “não só a alma [...] mas também a Igreja”<sup>3</sup>. Ao longo do relato, outras figuras aparecem, nomeadamente a rainha de Sabá (*nigra sum sed formosa*) e as companheiras da Esposa, as adolescentes suas amigas. A interpretação ou comentário tem dois parâmetros, ou paradigmas: o paradigma espiritual, ou místico, que traslada o significado do seu aspecto de amor corporal para o da caridade entre os esposos; e o literário, que é a forma da narrativa, que, ele repete várias vezes, é um drama, ou ação teatral em que se desenrola uma estória, e os personagens se revezam nas falas e no movimento. O *Cântico* é diverso, portanto, de outras formas literárias da Sagrada Escritura, como os

<sup>2</sup> Orígenes. Comentário ao Cântico dos Cânticos, Prólogo 1, 6. Origène. *Commentaire sur le Cantique des Cantiques*. Intr.Trad. Notas: Luc Bréssard & Henri Crouzel. Sources Chrétiennes n. 375 & 376, Paris: du Cerf, 1991/1992, tradução nossa (a publicar pela Editora Paulus).

<sup>3</sup> Comentário C.C. Prólogo I, 1. A tradução em castelhano diz: “Este canto de bodas [...] Salomón lo escribió [...] como si fuera de una novia que va a casarse”, Orígenes, Comentário al Cantar de los Cantares. Trad: Argimiro Velasco Delgado. Madrid: Ciudad Nueva 1994 (1986), p. 35. Repare-se que em castelhano “novia” é a amada, não ainda “prometida”; de fato, no texto da Bíblia, umas vezes se pode entender esposa, e outras vezes amada, ou noiva.



*Salmos*, em que a poesia não descreve uma ação, mas é contemplativa e sem personagens se movimentando.

4. Com base nesses pressupostos e diretrizes é que Orígenes explicitará a sua concepção acerca da mulher e do amor, sempre tendo em conta que, onde ele diz “mulher” ou “esposa”, se deve pensar em Igreja, ou alma cristã; e onde ele diz “amor” ou sentimentos como ternura, desejo, anseio, se deve entender afeto espiritual.

Mas o inverso também é verdadeiro, pois ele concede à mulher/esposa a dignidade de representar a Igreja, e ao amor carnal a dignidade de simbolizar a caridade mística. Certamente Orígenes está pensando no amor lícito entre esposos, pois quando fala da meretriz e da adúltera (Prólogo II, 18), não aceita que o amor por elas possa representar o amor divino.

Ou seja: ao espiritualizar, ou tornar mística, a narrativa do *Cântico*, Orígenes não só não minimiza nem dilui os aspectos sensíveis, como os acentua para que melhor reflitam a beleza da vida espiritual. Por exemplo: não desdenha de usar a imagem da mulher apaixonada para se referir à perfeição da caridade divina. Aquela que ama apaixonadamente, que quer muito ficar com o seu amado, fará tudo para lhe agradar, mas não faria o que ela sabe que desagrada ao homem que ama. Esta, diz Orígenes, faz tudo por amor, e esse amor abrange tudo o que ela faz: essa é a imagem da caridade divina (Prólogo II, 43).

5. Como alegoria mística da união Cristo com a Igreja e do Verbo com a alma, o *Comentário ao Cântico* é certamente o maior elogio do matrimônio, considerando a dignidade que lhe é conferida pela imagem ou figura corporal das realidades celestiais. Paralelamente, a dignidade da Esposa e mulher é ressaltada por ser imagem da Igreja e da alma perfeita. Neste ponto é preciso fazer um reparo: tendo em vista as condições sociais e as doutrinas da Antiguidade, em que o homem/esposo era a cabeça incontestado do casal, a dignidade do casamento não refletia tanto a favor do varão, que já era “por natureza” patriarca da família e da humanidade, mas a favor da mulher e esposa, que era submetida ao varão/esposo do mesmo modo que as crianças, os servos e os estrangeiros. Mas essa elevação da mulher, implícita nas alegorias, precisará repercutir ao longo de séculos para ter efeitos práticos na respeitabilidade da mulher e na amplitude de significados que ela comporta atualmente. Não se poderia esperar de Orígenes, nem de ninguém de sua época,



que explicitasse uma doutrina acerca do matrimônio<sup>4</sup>, nem algo que se assemelhasse a uma “teologia feminista”; mas, se não foi propriamente misógino, suas opiniões são oscilantes, para não dizer ambíguas<sup>5</sup>: não só em outras obras, mas mesmo neste *Comentário*, umas vezes deixa a mulher no tradicional lugar de inferioridade e submissão, e outras vezes coloca a Esposa no mesmo plano do Esposo, não fazendo diferença nas relações mútuas.

Poder-se-ia dizer que, procedendo assim, Orígenes apenas acompanha a narrativa do texto comentado; mas devemos reconhecer que ele não só teve a “ousadia” de ser o primeiro teólogo a trazer o *Cântico* para dentro da doutrina evangélica, como não minimizou nem o valor do casamento, nem o do amor dos esposos, nem o das figuras femininas.

6. Seja qual for o tratado ou comentário que escreva, Orígenes procura geralmente encarar ou analisar as questões sob múltiplos aspectos, e recorre à Sagrada Escritura para aprofundar a sua argumentação. Sempre que duvida da sua opinião, afirma claramente que não tem certeza. Tal atitude complexa, encontramos também acerca da mulher e do matrimônio nas outras obras dele. E embora nas *Homilias* praticamente não haja alterações de interpretação em relação ao *Comentário*, em outros textos o pensamento de Orígenes é muito mais matizado do que aqui poderemos expor. Portanto, vamos nos ater ao que está no *Comentário*, advertindo que, no que se refere ao autor, o tema fica longe de estar esgotado. Apenas um exemplo: em outras obras, Orígenes vê na união sexual, mesmo entre casados, aspectos negativos<sup>6</sup>, que neste *Comentário* não aparecem, pois está interessado somente na simbologia mística.

7. A Igreja é a personagem preferida de Orígenes para ser representada pela Esposa de Cristo. É uma Esposa que, tal como a do *Cântico*, peregrinou e ansiou até ser aceita pelo Esposo/Cristo: ela já existia antes dos tempos, ela foi anunciada pelos profetas – e então era como uma criança – mas atingiu a maioria quando Cristo se encarnou.

Essa Esposa existe desde sempre. E como não existiria, pergunta o comentador, se Cristo a amou e se sacrificou por ela? Como a amaria, se ela

<sup>4</sup> SFAMENI GASPARRO, Giulia. Matrimonia. In CASTAGNO, Adele Monaci (org). Origene. Dizionario, Roma: Città Nuova, 2000, pp. 268-270.

<sup>5</sup> MAZZUCCO, Clementina, Donna, in CASTAGNO, Adele Monaci (org) Origene. Dizionario. Roma: Città Nuova, 2000, pp.124-128.

<sup>6</sup> SFAMENI GASPARRO, *op. cit.*, 270.



ainda não existisse? Mas ele quer amá-la ainda mais, revesti-la de ornamentos (virtudes), e pelo amor transportá-la da terra aos céus (II 8, 4-8).

Quando a Esposa estava oculta no *Antigo Testamento*, ela era como a noiva que tinha um véu no rosto, e o futuro Esposo não podia vê-la. Mas quando o véu foi retirado, isto é, a Esposa/Igreja se voltou para Deus, então eles se vêem face a face. Antes, os textos da Escritura estavam velados e ela mal podia entendê-los; mas agora, sem o véu, ela vê o Esposo quase que saltando como um cabrito; ao folhear cada página é como se o visse emergir e correr diante dela, pois todos os significados se manifestam agora claros e evidentes para ela (III, 12, 4). Esta interpretação aparece desde o início do *Comentário*: ao explicar "Beija-me com os beijos da tua boca", diz Orígenes que no tempo dos profetas os beijos, ou mensagens espirituais, que a Esposa recebia, eram-lhe dados pelos profetas; mas quando o Verbo se aproxima da Esposa, Ele a beija com a sua própria inspiração, diretamente, e a Esposa recebe os beijos dele, o Esposo (I, 1, 1-8).

Assim, depois que Cristo se encarnou e a Igreja se tornou plenamente madura, ela se identifica com a comunidade dos fiéis, que são os seus membros e membros de Cristo (II, 7, 3-16). Porém, a partir da pequena comunidade dos primeiros discípulos, a Igreja se ampliará, ela será congregada de todos os povos. Por isso, na expansão da Esposa/Igreja, o amor entre os esposos se manifesta de muitas outras maneiras, e uma delas é a comunhão dos fiéis, distribuída em muitas comunidades menores, no espaço e no tempo (III 3, 2-6).

8. A alma fiel, sendo Esposa, desperta em Orígenes as comparações com o amor e a vida terrestres. Assim ele afirma que a alma, quando vê a beleza e a graça do Verbo Divino, recebe dele uma flecha que a faz ferida de amor (Prólogo II, 17); contudo ninguém está seguro no amor, pode haver desvios e falhas, e a alma pode amar os espíritos do mal (Prólogo II, 19).

Quando fala da Esposa, Orígenes começa por explicar qual é a ação ou atitude da Igreja nesse trecho comentado, e depois adapta a interpretação à Esposa/Alma. No princípio do *Comentário*, ao falar dos beijos, depois de explicar, como acabamos de ver, o significado espiritual em relação à Igreja, diz o mesmo em relação à alma. Quando ela entra na câmara do Esposo, recebe dele os presentes do tesouro real, seu dote, que para ela são: a lei da natureza, a inteligência racional, e o livre arbítrio; mas esses são os dons da antiga Lei. Depois da vinda de Cristo,



a alma/Esposa recebe da Palavra a instrução direta, e essa instrução é representada pelos beijos na boca (I 1, 9-11).

Mas a alma tem que merecer os presentes: ela começa como imperfeita e pecadora, precisa fazer penitência; então ela deixa a escuridão produzida pelo pecado e se torna clara, branca, e bela: ela pode, na imagem da etíope, ser negra na cor da pele, mas não está mais na sombra nem na escuridão (II 1, 56-57), que são produzidas pelo afastamento do Amado, o Verbo divino, a Palavra.

9. Conforme essa distância e sombra, há diversas categorias de Esposas/almas, assim como há diversas categorias de esposas do Rei: as almas que estão unidas ao Esposo com um afeto maior e mais esclarecido são as rainhas; as outras, que ainda estão progredindo nas virtudes, são como as concubinas, esposas legítimas, mas secundárias; as jovens que ainda nem entraram nos aposentos do Rei/Esposo ficam na cidade; e no campo ficam as que têm a categoria de “ovelhas” (II 4, 6). Repare-se que Orígenes está aludindo aqui a uma passagem do *Cântico* (6,8-9) cujo comentário ele não fez, ou se perdeu, e que descreve as esposas do Rei.

Neste capítulo (II 4) a que os tradutores Brésard e Crouzel deram o título de “O desejo da luz do meio dia”, certamente Orígenes está se referindo à Esposa como alma, que identifica com aqueles que crêem em Cristo, e que são seus membros (II 4, 5). Aqui o comentador tem uma das explanações em que a atitude da alma/Esposa é descrita em termos mais afetuosos, e ao mesmo tempo cheios de pudor. O *Cântico* diz (1,17): “Ó amado do meu coração, diz-me onde apascentas o rebanho, onde o levas a repousar ao meio dia, para que eu não ande vagueando por aí atrás dos rebanhos dos teus companheiros”<sup>7</sup>. Orígenes continua: “A Esposa pede ao seu Esposo que lhe indique o lugar onde se retira para repousar; ela não é capaz de resistir ao seu amor, deseja ir ter com o Esposo ao meio dia, naquela hora em que a luz é mais brilhante e resplandecente, e o dia mais perfeito e puro, para estar junto com ele quando ele for apascentar as suas ovelhas, ou descansar. Ela deseja ardentemente saber o caminho pelo qual deve ir até ele, não seja o caso que, por não saber as voltas dos atalhos, se perca, e de repente apareça no meio dos rebanhos dos companheiros, pois vai ser como uma daquelas que vêm à procura dos pastores apenas com um véu, sem se preocupar com o pudor, andando de um lado para o outro, e se mostrando a qualquer um. Eu não, diz ela, eu

<sup>7</sup> Bíblia Sagrada. Tradução do Pontifício Instituto Bíblico de Roma. São Paulo: Paulinas, 1967 (citação ligeiramente adaptada).



não quero ser vista por ninguém a não ser por ti, quero saber o caminho para chegar logo até onde estás, quero ir em segredo, que ninguém me veja e que não apareça nenhum estranho nem intrometido” (II 4, 11). A descrição é digna de um drama amoroso, mas esses sentimentos de ternura e de paixão da Esposa, Orígenes considera válidos e puros para simbolizar a caridade divina, pois conclui: a Esposa quer ficar a sós com o Esposo, sem que ninguém os veja, para gozar na intimidade “os mistérios escondidos e inefáveis do Esposo” (II 4, 12).

Difícilmente se encontrará outro teólogo cristão que fale do amor dos esposos em termos tão afetivos como Orígenes, mas termos que são, ao mesmo tempo, explícitos e discretos, e que nunca perdem de vista o significado e o alcance espiritual do amor humano.

10. As adolescentes amigas da Esposa representam as almas imperfeitas<sup>8</sup>, ideia também desenvolvida nas Homilias, que se dedicam diretamente a um público “imperfeito”. Note-se que os amigos do Esposo representam ora os anjos, ora os profetas; portanto estão num nível espiritual/alegórico superior ao das donzelas.

As companheiras da Esposa aparecem pela primeira vez no *Cântico* (I 3) quando ela diz ao Esposo: “Teu nome é perfumado, por isso as donzelas te amam”, e logo prossegue: “corremos ao teu encontro”. Orígenes vê aqui o entusiasmo das jovens, e o simbolismo das almas que se sentem atraídas pela Palavra de Deus, e nos seus perfumes reconhecem o motivo da sua vinda, da Redenção e da Paixão, e o amor que levou o Imortal à morte de cruz pela salvação delas (I 4,5). Mas também inverte a atração, e diz que as jovens atraíram Cristo: neste caso as jovens são as novas igrejas, as novas comunidades, porque ele vai onde vê, reunidos em seu nome, os que lhe são fiéis (I 4,6). Será, porém, que, nesse entusiasmo e correria, as jovens algum dia chegarão até à pessoa incompreensível e inefável do Esposo? (I 4, 8).

As donzelas alegram-se com a Esposa sua amiga, e gostariam de receber do Esposo as mostras de afeto que ela recebe: mas sabem que não é para elas, que não estão preparadas. “Amaremos o teu peito mais do que o vinho”, dizem elas (*Cântico* 1, 4). Nessas almas, a caridade ainda não deu frutos maduros, mas elas anseiam por receber a doutrina celeste que virá da sabedoria e da ciência; nós somos jovens, dizem, mas

<sup>8</sup> SIMONETTI, Manlio. *Cantico dei Cantici* (scritti esegetici su) in CASTAGNO, Adele Monaci (org) Origene. Dizionario. Roma: Città Nuova, 2000, pp. 60-64.





temos esperança de progredir, de ser alimentadas pelo peito da Palavra Divina, e de amar aquele que nos alimentará (I 6, 2-3).

A Esposa chama as jovens de “filhas de Jerusalém” (*Cântico* 1, 5 e 2,7), apelativo que se repete adiante em passagens que Orígenes não comentou; mas ele descarta a possibilidade de as filhas de Jerusalém serem as acompanhantes da Esposa.

11. A Etíope é um personagem complexo, que acumula simbolismos. O segundo livro do *Comentário* abre com o versículo “*Fusca sum et formosa*” (*Cântico* 1,5). A Vulgata (aliás 1,4) diz: “*Nigra sum sed formosa*”, que as Bíblias brasileiras em geral traduzem por “morena e formosa”; a Standard Version inglesa traz “*black and beautiful*” e a tradução de Lutero diz “*Schwarz aber gar lieblich*”<sup>9</sup>.

O problema da tradução por um termo que seja indicativo da cor da pele mais ou menos escura, e a diferença entre “sed” e “et” não é secundário, pois Orígenes vai discutir se a cor preta/morena é ou não compatível com a beleza, e com que tipo de beleza; mais ainda, se essa beleza, no campo espiritual, é inteligível e aceitável. O próprio Orígenes começa o comentário a esta passagem ressaltando que há duas versões: “morena” e “negra”.

A Esposa, explica o comentador, se desculpa de não ser tão bela porque não recebeu a instrução dos antepassados ilustres, não foi iluminada pela Lei de Moisés; contudo é bela porque foi feita à imagem de Deus, e aproximou-se da Palavra de Deus, dela recebendo a graça (II 1, 3-4). Mas o fato de ser negra, na cor da pele, não a torna feia: negras eram as tendas de Cedar e as cortinas de Salomão, e nem por isso eram menos belas; negra era a mulher africana de Moisés, e sua irmã Maria foi repreendida por não querer aceitá-la. Se a negritude, a cor negra, era menos apreciada, era porque representava uma origem de fora da estirpe hebraica; porém, dessa origem menos nobre a Esposa se recuperou, ao aproximar-se da Palavra de Deus, pela penitência e pela fé, permitindo que se cumprisse nela a verdade que antes era apenas uma sombra. Por isso tornou-se bela, mas continua negra, quer dizer: oriunda de outros povos, e não da descendência de Abraão (II 1, 5-9).

<sup>9</sup> The Holy Bible. New Revised Standard Version. Oxford University Press, 1989 (1962). Die Heilige Schrift. Nach der Übersetzung Martin Luthers. Stuttgart, Württembergische Bibelanstalt, 1961.



Em seguida, Orígenes lembra a rainha de Sabá<sup>10</sup>, comentando longamente (II 1, 10-57) o caso, e, depois de a colocar a par com a “morena e formosa”, apresenta a rainha como outra figura da Esposa e da própria Igreja (II 1, 27-28). Assim, a figura já se tornou bem complexa, pois a Esposa, que de morena ou negra passou a ser etíope, e por afinidade foi a Rainha de Sabá, se identificou com a Igreja e logo depois com a comunidade dos apóstolos, aos quais Cristo na véspera de morrer abriu seu coração (II 1, 30).

Repare-se que Orígenes, sendo do Egito, estaria acostumado a conviver com núbios e etíopes de pele escura, mas sendo de cultura grega e estando sob o domínio romano, podia também conviver com preconceitos de classe e de “raça”. O certo é que, dando continuidade à questão da esposa etíope, ele cita as palavras da Esposa no *Cântico*, dizendo que a sua cor escura (*infuscata*) se deve aos raios de sol; e logo Orígenes comenta que entre os etíopes essa cor da pele, devida ao sol, nada tem a ver com a escuridão da alma. A Esposa é bela de figura e de aspecto, como diz todo o *Cântico*, e é negra, e sua alma é bela porque se purificou e foi beijada pelo Verbo Divino (II 2, 1-4).

## Conclusão

Orígenes cresceu num meio, Alexandria, em que as mulheres tinham uma posição social muito melhor do que na generalidade do império romano; personalidades como Cleópatra VII, Catarina e Hipátia, bem o atestam. Essa formação deu a Orígenes uma perspectiva diferente, de onde se poderia ter partido para uma teologia em que a mulher tivesse uma posição mais favorável, o que não aconteceu. Talvez em toda a Patrologia, e possivelmente na Escolástica, não se encontre um texto como este, longo e bem argumentado, totalmente dedicado ao amor, com tanto destaque para a mulher e para a variedade de figuras femininas, e, sobretudo, para uma espiritualidade do amor e da mulher.

*E-mail do Autor:*  
lupi@cfh.ufsc.br

<sup>10</sup> Sabá, no sul da península da Arábia, atualmente o Iêmen. Desde a pré-história, manteve relações populacionais e culturais com o continente africano fronteiriço, a Etiópia (junto com a Eritreia e norte da Somália), donde a identificação comum entre Sabá e Etiópia, que Orígenes acompanha.